

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUIAS - LICENCIATURA

LILIANE NONNENMACHER DE AGUIAR

**CINEMA E EDUCAÇÃO:
O QUE DIZEM OS PROFESSORES DE ARTE
DA REDE MUNICIPAL DE CRICIÚMA/SC.**

CRICIÚMA, NOVEMBRO DE 2012

LILIANE NONNENMACHER DE AGUIAR

**CINEMA E EDUCAÇÃO:
O QUE DIZEM OS PROFESSORES DE ARTE
DA REDE MUNICIPAL DE CRICIÚMA/SC.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciado no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva

CRICIÚMA, NOVEMBRO DE 2012

LILIANE NONNENMACHER DE AGUIAR

**CINEMA E EDUCAÇÃO:
O QUE DIZEM OS PROFESSORES DE ARTE
DA REDE MUNICIPAL DE CRICIÚMA/SC.**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte

Criciúma, 28 de Novembro de 2012

BANCA EXAMINADORA

Profª Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva – Mestre - (UNESC) - Orientadora

Profª Aurélia Regina de Souza Honorato – Mestre – (UNESC)

Profª Maria Luiza de Souza Alberton – Especialista - (Rede de Ensino Dom Bosco)

**Dedicado aos responsáveis pelas batidas do
meu coração, dos meus sorrisos e das
minhas alegrias.**

Com amor, aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

À Deus, minha força maior, minha fortaleza. Grandes foram às lutas, mas maiores ainda foram às vitórias, porque sempre estivestes ao meu lado. Não cheguei ao fim, mas ao início de uma longa caminhada. Muito obrigada.

À meus pais, *“Se um dia, já homem feito e realizado, sentires que a terra cede a teus pés, que tuas obras desmoronam, que não há ninguém à tua volta para te estender a mão, esquece a tua maturidade, passa pela tua mocidade, volta à tua infância e balbúcia, entre lágrimas e esperanças, as últimas palavras que sempre te restarão na alma: minha mãe, meu pai.”* (Rui Barbosa)

Aos amigos que estiveram ao meu lado, me proporcionando momentos de extrema alegria, em especial as minhas amigas Caroline e Manuela, pela dedicação, carinho e amizade. A vida nos proporciona diversos momentos, do mais simples ao fantástico e inesquecível. E é nesses momentos sublimes que aprendemos a dar valor a tudo o que está ao nosso redor. Um aperto de mão, um abraço apertado, um sorriso, uma amizade. *“... Me cerco de boas intenções e amigos de nobres corações, que sopram e abrem portões, com chave que não se copia...”* (Forfun)

Aos companheiros de turma, pelos momentos que passamos juntos nestes quatro anos. Obrigada em especial a Isaura, pelas trocas, ajudas, pelo incentivo e pela amizade; à Pauline, Jhonatan e Kamilla, por tantos momentos de alegrias que compartilhamos juntos. São pessoas que antes eram desconhecidas, diferentes de mim, mas que deixaram suas marcas em minha vida.

Aos professores, que dedicaram seu tempo e compartilharam saberes e experiências, para que minha formação fosse também um aprendizado de vida, e que souberam ser acima de tudo grandes amigos. Sou eternamente grata a vocês.

Obrigada aos professores da pesquisa, que gentilmente arranjaram um tempo e me concederam a entrevista, contribuindo assim para a realização deste estudo.

À minha banca, por aceitarem o convite e participarem deste processo com suas valiosas contribuições.

À coordenação do curso de Artes Visuais, pelo respeito, amizade, ajuda e comprometimento em atender as minhas necessidades.

À minha orientadora Silemar, pela sua dedicação e sua atenção.

Obrigada pelos livros emprestados, pelos conhecimentos cedidos, por acreditar em mim, me apontando caminhos, e me incentivando. Obrigada pelos olhos brilhando, e pelos sorrisos quando falas sobre o cinema, porque é de pequenos detalhes que tornam os professores admiráveis e inesquecíveis. Você não sabe o quanto foste importante nesta trajetória. Minha eterna gratidão a você.

*“... e encontrou outras luzes em seu caminho.
Todos aqueles que encontramos profundamente:
formam-nos, modificam-nos, transformam-nos.”
(Jean Cordone)*

“Falar sobre sonhos é como falar de filmes, uma vez que o cinema utiliza a linguagem dos sonhos; anos podem passar em um segundo e você pode ir de um local para outro. É uma linguagem feita de imagens. E no verdadeiro cinema, cada objeto e cada luz significa alguma coisa, como em um sonho.”

Federico Fellini

RESUMO

A presente pesquisa é fruto de um trabalho de conclusão de curso e busca ampliar o conhecimento sobre cinema e educação. Traz como problema: Qual a importância da linguagem cinematográfica nas aulas de arte, considerando o que dizem os professores de arte da rede municipal de Criciúma - SC? Propõe assim um diálogo com autores como Monica Fantin (2006), Rosália Duarte (2002) Milton José de Almeida (2004), entre outros, que cercam esse tema, o que se soma aos dados coletados em entrevistas com cinco professores de arte. A relevância dessa pesquisa circula sobre a importância que os professores de arte dão para o cinema em suas aulas na perspectiva de melhor compreendê-lo enquanto linguagem da arte, no exercício de gostar mais de cinema enquanto propomos um gostar mais de arte.

Palavras-chave: Educação – Ensino da Arte – Professores de Arte – Cinema

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura1: Cena do filme <i>Paraísos artificiais</i> , 2012	30
Figura 2: Cena do filme <i>Hair</i> , 1979.....	30
Figura 3: Cena do Filme <i>Pulp Fiction – tempos de violência</i> , 1994.....	31
Figura 4: Cena do filme <i>The Runaways</i> , 2010	31
Figura 5: Cena do filme <i>Batman: o cavaleiro das trevas</i> , 2008	32
Figura 6: Cena do filme <i>Cisne negro</i> , 2010.....	32
Figura 7: Cena do filme <i>A Invenção de Hugo Cabret</i> , 2012	33
Figura 8: Cenas do filme <i>Moulin Rouge</i> , 2001.	34
Figura 9: Cena do filme <i>Laranja Mecânica</i> , 1972	35
Figura 10: Cena do filme <i>Maria Antonieta</i> , 2005.	36
Figura 11: Cena do filme <i>Frida</i> , 2002	37
Figura 12: Cartaz do filme <i>Tubarão</i> , 1975.....	38
Figura 13: Cartaz do filme <i>Chicago</i> , 2002	39
Figura 14: Crianças observando o Zootrópio	42
Figura 15: Exemplo de flipbook.....	43
Figura 16: Exemplo de Taumatrópio	43
Figura 17: Cena do filme <i>O estranho mundo de Jack</i> , 1993	45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LDB	Lei de Diretrizes Bases
PMC	Prefeitura Municipal de Criciúma
SC	Santa Catarina
SESC	Serviço Social da Indústria
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 MAPEAMENTO DOS CAPÍTULOS	12
1.2 QUESTÕES METODOLÓGICAS	13
2 REFLEXÕES SOBRE A ARTE, EDUCAÇÃO E O PAPEL DO PROFESSOR	15
2.1 A ARTE E A EDUCAÇÃO	15
2.2 A ARTE NA FORMAÇÃO DO SUJEITO	16
2.3 PROFESSORES DE ARTE: QUE PAPEL É ESSE?	18
3 A LINGUAGEM DO CINEMA E A EDUCAÇÃO	22
3.1 ENTRE AS TELAS DO CINEMA	22
3.2 O CINEMA COMO LINGUAGEM	25
3.2.1 Os códigos do cinema	27
3.2.1.1 O roteiro	28
3.2.1.2 Os planos	29
3.2.1.3 Movimentos da câmera	33
3.2.1.4 A iluminação	34
3.2.1.5 Os figurinos	35
3.2.1.6 Os cenários	36
3.2.1.7 A sonoplastia	37
3.2.1.8 Montagem	38
3.3 O CINEMA NAS AULAS DE ARTES	39
3.3.1 Os precursores do cinema: Brinquedos ópticos	41
3.3.2 Stop Motion	44
4 A PESQUISA DE CAMPO E A ANÁLISE DOS DADOS	46
5 PROPOSTA DE CURSO PARA OS PROFESSORES	51
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICES	60

1 INTRODUÇÃO

Como acadêmica/formanda do Curso de Artes Visuais/ Licenciatura, apresento esta pesquisa a fim de melhor compreender de que maneira a linguagem cinematográfica é pensada, ou se não é, nas aulas de arte. A curiosidade sobre o cinema na escola partiu do gosto pela sétima arte. Refiro-me aqui às experiências pessoais que tive em específico com a disciplina Linguagem do Cinema e Educação no primeiro semestre de 2012.

O cinema desde o século XIX encanta e desperta o imaginário de muitas pessoas, sendo uma linguagem da arte que vem influenciando gerações e permite ao espectador interagir com outras linguagens e expressões artísticas como: a dança, o teatro, a música, a literatura, as histórias em quadrinhos, a poesia, entre outras, inclusive com ele mesmo. O cinema além de abordar uma diversidade de questões, vai – no exercício dessa escrita – sendo evidenciado como, uma oportunidade de os professores levarem-no para a sala de aula, pensando-a como uma linguagem da arte com suas especificidades poéticas e estéticas, que desacomoda o olhar e ampliando de modo significativo o repertório cultural de seus alunos.

O debate, entre outras coisas, sobre o filme em sala é algo que pode se tornar um recurso lúdico, rico e interessante. Vivemos com uma geração de alunos que tem uma relação familiar com o visual e os recursos tecnológicos, e a linguagem cinematográfica lida com esses recursos, ampliando possibilidades que vão proporcionando momentos de apreciação e produção de imagens em movimento, fruição e imaginação.

A pesquisa busca refletir sobre de que forma os professores de arte do município de Criciúma/SC argumentam sobre o cinema enquanto linguagem da arte. Fazendo um levantamento de dados, com os professores, em escolas do município, a presente escrita vai dialogando com autores que falam sobre cinema e educação evidenciando assim, a cientificidade desta investigação, a qual exige um corpo teórico pertinente que não será negligenciado.

Trago como problema a ser investigado: Qual a importância da linguagem cinematográfica nas aulas de arte, considerando o que dizem os professores de arte da rede municipal de Criciúma? Problema este levantado a partir das questões

norteadoras: De que forma é trabalhado o cinema nas escolas do município de Criciúma? Qual é a importância da linguagem no cinema nas aulas de artes? Como os professores tem se preparado para contemplarem a linguagem do cinema nas aulas de artes? É oportunizado nas aulas de arte o contato com o cinema?

Para a melhor compreensão sobre o cinema e a educação, este trabalho se apresenta em seis capítulos, sendo o primeiro esta introdução, a qual contempla ainda um breve mapeamento dos capítulos e traz as questões metodológicas. Apresento como relevância desta investigação reflexões sobre a relação do cinema com as aulas de artes na perspectiva de melhor compreendê-lo enquanto linguagem da arte. Nessa perspectiva apresento uma proposta de curso como parte das exigências desse TCC.

1.1 MAPEAMENTO DOS CAPÍTULOS

Nesse sentido remeto-me ao segundo capítulo, no qual, trago reflexões sobre o ensino da arte na educação, a arte na formação do sujeito, e o papel do professor de arte. Dialogo com os PCN (1997), com Mirian Celeste Martins, Gisa Picosque, M. Terezinha Telles Guerra (2010), Ferraz e Fusari (2009), Ana Mae Barbosa (2007) entre outros. Para falar sobre o papel do professor de arte, trago Ruben Alves (2006), Buoro & Costa (2007), Penna (2001) e Fantin (2006), a qual faz referências à relação da criança com as mídias, em especial o cinema.

No capítulo seguinte, ou seja, no capítulo 3 abordo questões sobre a linguagem do cinema e a educação. Pontuando uma breve introdução sobre a história do cinema, encontro em autores como Bernardet (2006), Napolitano (2009), Silva (2001) e Moretin (2009), subsídios teóricos para essa escrita. Falo também sobre o cinema como linguagem e trago autores como: Aumont e Marie (2008), Dallmo Silva (2001), Almeida (2004) e Napolitano (2009). Para entender o cinema como linguagem evidenciam-se os códigos do cinema, e reflexões a partir dos autores: Aumont e Marie (2008), Laurent (2009) e Martin (2005). Falando do cinema nas aulas de arte, o diálogo teórico acontece a partir de Duarte (2002), Silva (2009), Fantin (2008) entre outros.

No quarto capítulo a análise das respostas dos professores são evidenciadas, obtidas através de uma entrevista em diálogo com autores elencados na fundamentação teórica.

E, por fim, nos capítulos cinco e seis, trago a proposta de curso e as considerações finais colocadas lado a lado enquanto resultado de um aprendizado que se constrói constantemente.

1.2 QUESTÕES METODOLÓGICAS

Pesquisa segundo Minayo (2004, p.17) é “a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e atualiza frente a realidade do mundo”. A pesquisa científica, exercício desta investigação, é para, Santaella (2001, p.113) algo que:

[...] pode resultar em conhecimento com as características que a ciência exige, isto é, conhecimento verdadeiro e justificado, [...] tem-se aí por que a pesquisa é o alimento da ciência. Pesquisa é o modo próprio que a ciência tem para adquirir conhecimento.

Tendo como título cinema e educação: o que dizem os professores de Arte da rede municipal de Criciúma/SC, esta investigação tem como problema saber, Qual a importância da linguagem cinematográfica nas aulas de arte, considerando o que dizem os professores de arte da rede municipal de Criciúma, ligado a linha de pesquisa Educação e Arte do Curso de Artes Visuais - Licenciatura.

Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, pois aqui são analisadas as repostas dos professores que foram adquiridas através de uma entrevista informal com perguntas pré-estabelecidas a fim de buscar subsídios para melhor suprir o que os professores têm a responder sobre o que se investiga. Faz-se enquanto um pequeno recorte, considerando o número de professores da rede, pois foram apenas cinco professores num universo muito maior.

De acordo com o objetivo, que é: Melhor compreender a importância de se trabalhar a linguagem cinematográfica nas aulas de arte e de que forma os professores veem essa linguagem como sendo importante para a formação do sujeito, a pesquisa se classifica como sendo exploratória, pois segundo Santaella (2001, p.147) “exploratória é uma espécie de prévia da pesquisa que tem por

finalidade ampliar as informações do pesquisador sobre o assunto de sua pesquisa, tendo em vista seu aprimoramento rumo à elaboração de um projeto de pesquisa.”.

Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa é considerada uma pesquisa de campo.

Neste tipo de pesquisa suas fontes de dados serão pessoas, grupos, comunidades, das quais você colherá informações a respeito delas mesmas ou de instituições, de diferentes ordens, que representam ou nas quais trabalham, e que o ajudem a compreender o problema estudado (VIANNA, 2001, p.120).

Falo de uma entrevista semiestruturada com os professores de arte de quatro escolas da Rede Municipal de Criciúma. A escolha das escolas se deu a partir da proximidade de onde moro. Faço opção por não identificar o nome das escolas, assim como não identifico o nome dos professores a partir do que acordei com eles ao solicitar as respectivas autorizações.

As perguntas foram organizadas de modo que possibilitaram refletir sobre qual a importância que os professores dão a linguagem cinematográfica, e como estão trabalhando isso em sala de aula, ou mesmo, se trabalham o cinema em sala de aula.

As entrevistas foram gravadas e transcritas formando um texto que foi enviado por e-mail para os professores para que autorizassem o uso de suas respostas – acrescentando ou retirando o que achassem necessário.

Como retorno, apresento uma proposta de Curso de Extensão Universitária/Formação Continuada, com o objetivo de instigar e capacitar os professores e professoras de arte a refletir sobre a linguagem cinematográfica em suas aulas, abrangendo professores e estudantes de artes da cidade de Criciúma, numa parceria entre a Prefeitura Municipal e o Arte na Escola Polo/UNESC.

No exercício de responder o problema dessa investigação, a análise das respostas foi criando eco com o papel da arte na educação. A pesquisa foi realizada de Agosto a Novembro de 2012 e contou com a participação de cinco professores de arte da rede municipal de Criciúma.

2 REFLEXÕES SOBRE A ARTE, EDUCAÇÃO E O PAPEL DO PROFESSOR

2.1 A ARTE E A EDUCAÇÃO

*“Arte é isto: totalidade!
É também um conhecimento em si,
não pode ser pretexto para nada.
O conhecimento artístico-cultural não pode ser
chamado para tornar o árido mais palatável,
para fazer o difícil ficar fácil,
para tornar tudo mais gostosinho... Não!”
(Ostetto e Leite, 2004)*

Arte é vida, é a representação da vida, do espaço, do corpo, das mudanças. A escola é o primeiro espaço formal, onde se dá o desenvolvimento dos cidadãos. Muitas vezes é onde temos o primeiro contato com a arte, que, em todos os períodos de formação do aluno é de extrema importância porque ela pode promover, entre outras questões, a educação do sensível. É papel da arte na escola, oportunizar ao aluno pensar, sentir e agir como ser sensível e transformador de realidades. Sobre aprender e ensinar arte, os Parâmetros Curriculares Nacionais esclarecem que:

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (BRASIL, 1997, p. 19).

A partir da educação do sensível e da percepção, o aluno torna-se um novo ser, aberto às mudanças, se tornando criador de opiniões. O contato com a arte proporciona a oportunidade de desenvolvimento das áreas expressivas e culturais. As aulas de Arte podem se tornar espaços que oportunizam aos alunos explorar, inventar, proporcionando um maior entendimento perante a sociedade, revelando dados culturais e históricos, contribuindo para um conhecimento cultural e intelectual.

As linguagens da arte estão em nosso meio a todo instante, através da música, teatro, dança, das artes visuais, do cinema, da performance e outras tantas,

e contribuem para o desenvolvimento dos sujeitos, oportunizando que olhem e sintam o mundo de formas diferentes. É o que reforça Martins, Picosque e Guerra, quando falam que através da linguagem da arte;

Nossa sensibilidade capta uma forma de sentimento que nos nutre simbolicamente, ampliando nosso repertório de significações. Adquirimos um conhecimento daquilo que ainda não sabíamos e, por isso mesmo, transformamos nossa relação sensível com o mundo e as coisas do mundo. (2010, p. 39)

Desta forma a disciplina de arte torna-se cada vez mais significativa para o aluno, pois é ali que ele compreende a importância do fazer artístico, e que esta disciplina não está presente apenas para distraí-lo, mas é onde ele conhece e tem experiências com as diversas linguagens artísticas, e ele descobre que existem outras oportunidades de se relacionar com o mundo. O PCN sobre ensinar arte afirma que:

A arte solicita a visão, a escuta e os demais sentidos como portas de entrada para uma compreensão mais significativa das questões sociais.(...) a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender. (BRASIL, 1997, p. 20)

É importante pensar um ensino da arte que propicie o desenvolvimento do pensamento artístico, do crescimento estético-visual, pessoal, cultural, desenvolvendo assim a percepção, a imaginação e sensibilidade, oferecendo outras tantas possibilidades de experimentações e conhecimentos.

Através da arte podemos criar, pensar, sentir o mundo que nos cerca e podemos expressar isso não somente através das palavras, mas por outras linguagens que a arte nos oferece.

2.2 A ARTE NA FORMAÇÃO DO SUJEITO

“Toda linguagem artística é um modo singular de o homem refletir - reflexão/reflexivo – seu estar no mundo. Quando o homem trabalha nessa linguagem, seu coração e sua mente atuam juntos em poética intimidade.”
(Martins, Picosque e Guerra, 2010)

Sabemos que a formação do sujeito primeiramente acontece em sua casa, com sua família. Mas é na escola que ele vai ter ampliada a sua relação com outras culturas, e isso irá influenciar na sua formação enquanto cidadão. A disciplina de arte é um dos caminhos para a construção desse sujeito, pois ela tem linguagens que o leva a um universo reflexivo e socializador, que possibilita perceber-se e perceber o outro.

Ana Mae Barbosa fala da arte na escola enquanto um instrumento capaz de:

Desenvolver a percepção e a imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (2007. p.23)

Para que o aluno reconheça e reflita a realidade na qual está inserido, a arte deve se fazer presente na formação integral do sujeito para que o mesmo conheça o legado artístico cultural construído pela humanidade ao longo dos tempos, e conheça a cultura presente ao seu redor. A arte desempenha um papel fundamental na formação do aluno, estimulando sua autoestima para ser um sujeito crítico e reflexivo perante a sociedade.

Cabe se falar na dimensão que a arte possui enquanto formadora de sujeito, no seu poder de representar ideias através das múltiplas linguagens, como a literatura, a dança, a música, o teatro, o cinema, a fotografia, o desenho, a pintura, escultura, entre outras formas expressivas que a arte assume em nosso cotidiano. Assim o aluno vivenciando experiências e conhecendo as várias formas de representação que a arte nos proporciona, pode desenvolver e produzir cultura, como aprender e refletir sobre a sua cultura e a do próximo, conforme consta no PCN:

O aluno desenvolve sua cultura de arte fazendo, conhecendo e apreciando produções artísticas, que são ações que integram o perceber, o pensar, o aprender, o recordar, o imaginar, o sentir, o expressar, o comunicar. A realização de trabalhos pessoais, assim como a apreciação de seus trabalhos, os dos colegas e a produção de artistas, se dá mediante a elaboração de ideias, sensações, hipóteses e esquemas pessoais que o aluno vai estruturando e transformando, ao interagir com os diversos conteúdos de arte manifestados nesse processo dialógico. (BRASIL, 1998, p 19)

Nesse sentido, o valor educativo da disciplina de Arte nas escolas se destaca, na medida em que a mesma é reconhecida como componente curricular imprescindível na formação deste aluno para o exercício da cidadania.

Em 1996 a LDB contempla sobre o ensino de arte nas escolas de educação básica, um dizer que “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (Lei Nº 9394/96, Art. 26 § 2º)¹. Outro documento que foca sobre a importância do ensino da arte são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), de 1998, deixam claro que a arte é uma disciplina e, portanto, tem conteúdo específico. Mas é a Lei que vai garantir sua permanência na escola.

2.3 PROFESSORES DE ARTE: QUE PAPEL É ESSE?

“Não há receitas para ser um “bom professor” ou uma “boa professora”, há inúmeras possibilidades de ser docente. Uma docência que se faz “artista” pode ser aquela que assume o seu trabalho como um processo de ir e vir, de rascunhar, rabiscar, voltar a desenhar-se. Um trabalho sobre si mesmo que não se faz sozinho.” (LOPONTE, 2007)

Pensar na figura do professor é saber que ser professor não é somente uma profissão. É saber que vai lidar com o outro. Ser professor é estar aberto a relações, provocar encantamentos, mas também se deixar encantar. É ser transformado todo dia, ensinando e aprendendo com o outro. É preciso que o professor “se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou sua construção.” (FREIRE, 2002, p. 24). O professor deve ser um eterno aprendiz, educando e sendo educado, sabendo lidar com realidade de seus alunos, sendo companheiro, desafiando e abrindo caminhos.

Como diz Ruben Alves (2006, p. 38)

¹A lei completa se encontra do portal do Mec, disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf> acesso em: 18 Out. 2012

[...] ensinar é igualzinho a cozinhar. O professor é um *Chef* que prepara e serve refeições de palavras a seus alunos. Durante anos consecutivos, nossos professores têm aprendido teorias científicas sobre educação, achando que é assim que se formam professores. Existe de fato, uma ciência da educação, como também existe uma ciência do piano. Mas a ciência da educação não faz um professor, da mesma forma como o conhecimento da ciência do piano não faz um pianista.

A comparação feita por Rubem Alves entre professores e cozinheiros é bem vinda, afinal precisamos aguçar os sentidos dos alunos, colocando-os a diversas *provas* (me referindo à palavra provar/experimentar), onde procuramos levar *receitas* de qualidade para prendê-los e seduzi-los, convencendo-os do que estamos ensinando. Nessa perspectiva, o professor de arte tem um papel fundamental com relação ao aluno, ajudando-o a ampliar o conhecimento e o gosto pela arte, possibilitando que o mesmo compreenda a importância do fazer artístico e o aproxima das diferentes linguagens artísticas.

A relação professor/ aluno no sentido da aproximação com a arte busca fazer com que o aluno entenda que as aulas de arte não estão presentes apenas para distração, mas que ao fazer e conhecer a arte eles descubram outras maneiras de aprender, que existem possibilidades diferentes de se relacionar com o mundo.

Buoro & Costa (2007, p.251), afirmam que “Os professores encontram diante de si o desafio de estimular seus alunos a pensarem ‘com olhos e ouvidos/ E com as mãos e os pés/ E com o nariz e a boca’ [...]”. E para que isso aconteça os professores devem constantemente repensar suas práticas pedagógicas, afim de que, os alunos, desenvolvam olhares atentos às transformações contemporâneas.

Para o professor desenvolver um trabalho significativo na disciplina de arte, ele precisa conhecer e descobrir os interesses e conhecimentos que seus alunos possuem, sendo receptivo e participativo na vida do aluno. Se fazendo um sujeito que educa e ao mesmo tempo se educa, para assim iniciar seu trabalho em sala de forma significativa, o que para Penna:

[...] é necessário reconhecer como significativa a diversidade de manifestações artísticas, “adotando” a vivência do aluno como o ponto de partida para um trabalho pedagógico que possa, realmente, resultar em mudanças no seu modo de se relacionar com a arte em seu cotidiano. (2001.p. 165)

Nessa perspectiva, se “adotarmos a vivencia do aluno”, conforme sugere Penna, vamos reconhecendo o quanto os alunos de hoje fazem parte de uma

geração visual e tecnológica, assim, não podemos desprezar o uso das mídias em sala, por exemplo. Monica Fantin (2006,p.100) diz que “a mídia educação se revela numa teoria e prática de fazer-refletir educação com os meios, através dos meios, e possui como enfoque principal a construção do pensamento crítico”.

Remeto-me aqui ao tema desta investigação, qual seja: cinema e educação. Considerar cinema no contexto de mídia-educação é válido, pois é um meio “que pode atuar no âmbito da consciência do sujeito e no âmbito sócio-político-cultural, configurando-se num formidável instrumento de intervenção, pesquisa, de comunicação, de educação e fruição.” (FANTIN, 2006, p. 103).

É importante que um professor de Arte esteja sempre atento as mudanças do ensino, preparando-se continuamente, exercitando uma formação continuada, obtendo domínios presente na área de arte, para assim propiciar ao aluno um conhecimento amplo de aprendizagem em arte para que se torne agente criativo, perceptivo e atuante na sociedade em que vive.

Pensar na figura do professor é trazer essa relação dele com seu papel na escola. Sobre isso encontro no PCN um dizer que compreende o professor com relação ao aluno como:

Um aliado do seu processo de criação, um professor que quer que ele cresça e se desenvolva, que se entusiasma quando seus alunos aprendem e que os anima a enfrentar os desafios do processo artístico. O acolhimento pessoal de todos os alunos é fator fundamental para a aprendizagem em Arte, área em que a marca pessoal é fonte de criação e desenvolvimento. (BRASIL, 1998, p. 56).

Os professores de arte devem fazer com que os alunos se sintam a vontade com ele, sabendo respeitá-lo, entendendo o processo de criação e diferenças de cada aluno. O professor deve ser um eterno aprendiz, atuando como provocador de conhecimento em arte.

Para isso, o professor precisa saber arte, ou seja, pesquisar, conhecer e aperfeiçoar-se continuamente no campo artístico e estético. Precisa encontrar condições para aprimorar-se tanto em saberes artísticos, e sua história, quanto em saberes sobre a organização e o desenvolvimento do trabalho de educação escolar de arte. E saber propiciar aos alunos condições para a apropriarem-se criticamente dos conhecimentos e prosseguirem de forma sensível, intelectual e criadora. (FERRAZ e FUSARI, 2009, p.27)

Assim, um professor que estuda e contempla a arte no seu ensinar e aprender arte poderá repassar o conhecimento e transmitir aos alunos a vontade de aprender.

Tomo como referência essa figura de professor de arte para defender um ensino de arte cada vez mais comprometido com a arte e com a vida, que é do que falo o tempo todo quando trago como tema o cinema e a educação.

3 A LINGUAGEM DO CINEMA E A EDUCAÇÃO

3.1 ENTRE AS TELAS DO CINEMA

*[...] os presentes olham-se, surpresos, pasmos,
embaraçados e... entusiasmados.*

*Todos se voltam para um homem que permaneceu
no fundo da sala, e felicitam-no. Ele está de pé, com uma
expressão jovial. Coloca a mão, de maneira um pouco teatral,
sobre uma espécie de caixa de madeira,
dotada de uma luneta e de uma manivela.*

- eu me apresento: Antoine Lumière.

*O que os senhores acabam de ver é uma
invenção de meus dois filhos, Louis e Auguste.*

(Foiret e Brochard, 1995)

Foi no subterrâneo do restaurante *Grand Café*, em Paris, no dia 28 de Dezembro de 1895, que o pai dos irmãos Auguste e Louis Lumière, Antonie Lumière, organizou a primeira exibição do então conhecido cinema. Foram apresentações que contaram com filmes curtos, filmados com a câmera parada, e em preto em branco e sem som. Segundo Bernardet:

Um em especial emocionou o público: a vista de um trem chegando na estação, filmada de tal forma que a locomotiva chegava ao longe e enchia a tela, como se fosse se projetar sobre a plateia. O público levou um surto de tão real que a locomotiva parecia. (2006. p.12)

E justamente essa aparência da realidade que deixou os espectadores surpresos e muito entusiasmados, e fez com que em pouco tempo, o Cinématographe (assim chamado o cinema na época) se alastrasse, causando grande influência na cultura popular da época.

Eduardo Morettin destaca:

A violenta sensação de realismo e a impressão de maravilhamento causadas pela nitidez das imagens em movimento atraía, em ritmo crescente, o público das cidades, interessado em vivenciar novas experiências sensoriais e corpóreas. (2009, p.47)

E é este realismo que as pessoas procuravam, onde eles podiam ver as imagens da realidade passando em uma tela, que ia aos poucos se tornando um meio de expressão, dialogando com a fantasia e a realidade. Essa realidade aproxima o cinema da vida das pessoas. Bernardet, com relação a isso diz que:

O cinema dá a impressão de que é a própria vida que vemos na tela, brigas verdadeiras, amores verdadeiros. Mesmo quando se trata de algo que sabemos não ser verdade, [...], a imagem cinematográfica permite-nos assistir a essas fantasias como se fossem verdadeiras; ela confere realidade a essas fantasias. (2004. p.12)

A relação da realidade com o cinema é algo presente, embora a projeção das imagens não seja a realidade, afinal por mais parecido com a realidade que seja, estamos vendo uma projeção na tela, imagens que colocadas em movimento, transmitem esta sensação de movimento contínuo, parecido com a realidade. Para o autor:

O movimento cinematográfico é uma ilusão, é um brinquedo ótico. A imagem que vemos na tela é sempre imóvel. A impressão de movimento nasce do seguinte: “fotografa-se” uma figura em movimento com intervalos de tempo muito curtos entre cada “fotografia” (fotograma). (BERNARDET, 2004. p.18)

Em virtude do seu desenvolvimento, na perspectiva dos recursos tecnológicos, o cinema foi conquistando espaços. Em um primeiro momento, se tornou narrativo, chamando a atenção da classe média. Através da movimentação de pessoas e do desempenho dos produtores em 1911, os filmes aumentaram sua duração, chegando a exibição de até 30 minutos. Neste momento da história do cinema, cabia ao diretor então contar uma história de forma clara e objetiva, articulando todos os elementos. Neste período iniciaram-se as preocupações com cenários, o tipo de iluminação utilizada nas gravações, a velocidade das cenas, figurino, posicionamento dos atores e câmeras, para uma maior aproximação com a realidade. Sobre isso Napolitano afirma que:

Mesmo que o filme seja ficcional e não tenha compromisso algum com a “realidade objetiva”, naquelas horas em que ele é projetado, as emoções e sensações que a experiência do cinema suscita nos espectadores criam um “efeito de realidade” muito forte. Essa característica, que é do cinema em si, se vê potencializada pela capacidade técnica da cinematografia atual, sobretudo a norte-americana, de criar uma encenação tão realista que nos

transporta para o mundo projetado nas telas, seus dramas, personagens, cenários, etc. (2009, p.11)

Muitas experiências foram acontecendo. Entre 1908 e 1913, Griffith, trabalhou como diretor na empresa de filme Biograph Company, onde realiza mais de quatrocentos curtas-metragens. Sobre isso Silva esclarece que:

A ideia de Griffith foi reunir num discurso elementos que pudessem seduzir o olhar daqueles que admiravam as imagens tratadas na perspectiva da narrativa cinematográfica. A intenção do diretor, era realizar, por meio de uma ordem estética, uma história com linguagem narrativa, que exigisse do público um certo esforço mental, sem o qual este não poderia apreciar a riqueza e a beleza de um espetáculo visual em que o tratamento dado a luz tinha uma importância fundamental para o movimento e a experimentação técnica. (2001, p. 106)

As salas de exibição tornam-se luxuosas, distanciando-se das antigas salas empoeiradas. O cinema estaria assim se tornando um meio de entretenimento em massa, principalmente no final da primeira guerra mundial entre 1914-1918 onde os Estados Unidos manifestaram o controle dos mercados de filme em exibição.

Já o cinema brasileiro, segundo Morettin (2009) foi desenvolvido em contexto mais precário, enfrentava dificuldades. Segundo notícias feitas no Brasil, as primeiras imagens desenvolvidas duravam cerca de um segundo de projeção, imagens essas desenvolvidas por um médico, advogado, empresário teatral José Roberto da Cunha Salles, através de fragmentos da fotografia.

Ainda segundo Morettin (2009, p.53): “A maior parte da produção brasileira até o final dos anos 20 era constituída por documentários e reportagens cinematográficas, em sua maioria retratando nossa elite política e econômica ou as nossas belezas naturais”.

Hoje o cinema conta com as mais variadas técnicas, possuindo imagens 3D, 4D e até 6D², que vão dando um efeito mais aproximado ainda do espectador com a realidade. Acompanhado de diversos efeitos de gravação e edição, os diretores usam e abusam das tecnologias para chamarem a atenção do espectador, proporcionando e estimulando a sensibilidade de pensar e sentir o mundo a nossa volta.

²De acordo com o Site Tecmundo, disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/video/2606-conheca-o-sistema-6d-capaz-de-projetar-imagens-extremamente-realistas.htm>> acesso em: 28 Out. 2012

3.2 O CINEMA COMO LINGUAGEM

“Mas o que distingue o cinema de todos os outros meios de expressão culturais é o poder excepcional que lhe advém do fato de a sua linguagem funcionar a partir da reprodução fotográfica da realidade.

[...] São os próprios seres e as próprias coisas que aparecem e falam, dirigem-se aos sentidos e falam à imaginação...”

(Marcel Martin)

Para falar da linguagem cinematográfica, remeto-me à Aumont e Marie para melhor compreender o significado dessa expressão, ou seja:

Ver um filme é, antes de tudo, compreendê-lo, independente do seu grau de narratividade. É, portanto, que, em certo sentido, ele “diz” alguma coisa, e foi a partir desta constatação que nasceu, na década de 20, a ideia de que, se um filme comunica um sentido, o cinema é um meio de comunicação, uma linguagem. (2008, p. 231)

De acordo com Aumont e Marie, o cinema através da projeção do filme, teria a capacidade de comunicação, tendo algo a nos dizer, mas com uma linguagem própria, chamada de linguagem cinematográfica.

Como a pintura, a dança, a música, o teatro, entre outras linguagens da arte, que tem o poder de comunicar ou expressar algo, o cinema também tem esse poder, onde existem códigos de expressão, tecnologias, técnicas, estilos, e influências culturais.

Se na pintura a obra depende exclusivamente da mão e das intenções do pintor, no cinema isso também fica claro no desejo do cineasta que, observando a realidade por uma máquina, busca captá-la em imagens em movimento que se transformam em cenas, estabelecendo um diálogo com o espectador para que, pela ilusão do movimento e verossimilhança comunguem, numa linguagem narrativa. (SILVA, 2001, p. 109)

Assim, de acordo com que defende Silva, podemos dizer que o cineasta é um artista, que através do filme expõe seus desejos, se comunica com o espectador, como pode acontecer com qualquer outra linguagem artística. Com uma diferença

no sentido do autor, do artista, pois, o cinema difere das outras linguagens por sua característica de coletivo no seu processo de criação e produção. A quem chamamos de cineasta? O diretor? Não temos apenas o diretor, temos o roteirista, o figurinista, o sonoplasta, os que criam e pensam no cenário, entre outros tantos personagens que na somatória tomamos o susto de ver quantas pessoas participaram para construção da história contada nas telas do cinema.

Vivemos na era das imagens, cinema faz parte dessa realidade. Ele é poesia, ficção e realidade. Compreender o cinema é entrar em um mundo de ficção, convivendo com uma linguagem, na qual, com imagens luminosas em movimento, evidenciamos a emoção. Mas não é somente isso que o cinema nos proporciona, como diz Almeida (2004, p.32) “ele também é matéria para a inteligência do conhecimento e para a educação [...] que pode ser visto e interpretado em seus múltiplos significados.”.

O autor ainda ressalta que o cinema “existe antes e depois da projeção do filme” (ALMEIDA, 2004, p. 40), pois os preparativos para irmos ao cinema e as falas depois da projeção do filme, assim como comentários, críticas, locações, e outras tantas coisas, transformam o cinema em objeto estético, com múltiplos olhares e falas. Sobre o momento estético o autor afirma que:

Momento estético em que um objeto artístico e tecnicamente produzido vai ao encontro do imaginário do espectador, relacionar-se intimamente com seus desejos, ressentimentos, vontades, ilusões, raivas, prazeres, traumas, vivências, e sobre qual só teremos nossa objetividade restituída após o término da projeção. Só então discutimos e falamos sobre ele, como cinema, não mais como filme, longe dele, como memória, inextricavelmente ligado à nossa história, à história do mundo em que vivemos, à história do cinema. (ALMEIDA, 2004. p. 41)

O cinema possibilita a apreciação estética do sujeito. E é esta experiência estética que nos permite olhar e entrar em um universo de cultura, onde nos permitimos falar, argumentar, escrever e trocar pensamentos, vivenciando múltiplos olhares, nos tornando produtores de cultura quando vamos para além do papel do observador passivo.

Falar do cinema como linguagem e compreendê-lo na sua dimensão estética é o que desejo, na direção da estreita relação entre cinema e educação. Como formanda do Curso de Artes Visuais-Licenciatura, procuro melhor

compreender como essa linguagem dialoga com o trabalho escolar. Encontro em Napolitano algumas questões sobre isso que aqui interessam, ou seja:

A experiência cultural e estética do cinema vai além de qualquer metodologia de análise dos filmes e que o ato de assistir a um filme é uma experiência formativa em si e por si. Mas, no trabalho escolar com filmes, desde que devidamente organizado, o professor pode adensar esta experiência, para ele e para os seus alunos, exercitando o olhar crítico e encantado, ao mesmo tempo. No cinema, como de resto em todas as artes, quanto mais se conhece a sua linguagem e história, mais as obras se tornam encantadoras e mais nos dizem sobre o passado e sobre o presente do mundo em que vivemos. (2009, p.15)

Trazer a linguagem do cinema para as aulas de arte é vivenciar uma experiência cultural e estética. Deixar que os alunos comentem sobre o filme, faz com que ele reflitam sobre os diferentes olhares e interpretações que cada um tem, e que se pode ter sobre o mesmo, o que para Almeida:

É importante não ver o cinema como recurso didático ou ilustrativo, mas vê-lo como objeto cultural, uma visão de mundo de diferentes diretores e que tem uma linguagem que performa uma inteligência verbal e, ao mesmo tempo, uma linguagem diferente da linguagem verbal. (2004, p. 8)

Assim, o cinema se torna fonte de conhecimento. E reconhecer que o cinema é uma linguagem e que esta linguagem é fonte de cultura e estética, é imprescindível para uma educação que quer que seus alunos sejam produtores de cultura, formando sujeitos críticos na sociedade em que vivem. Para tanto, ampliar olhares sobre os códigos do cinema é fundamental. Então faço opção por ampliar aqui nossos olhares sobre os códigos da linguagem cinematográfica, os quais nos ajudarão a compreendermos mais e melhor sua – a do cinema – própria capacidade de comunicação.

3.2.1 Os códigos do cinema

O cinema comunica, transmite pensamentos, portanto é uma linguagem. Toda linguagem possui códigos que contém subsídios para que ela crie sentido. A palavra código de acordo com o dicionário teórico e crítico do cinema.

Vem do latim *códex*, que significa originalmente uma prancha para se escrever, depois um escrito, mais tarde uma compilação de leis. Por extensão, chamou-se código a todo o sistema de correspondências convencional ou natural, entre um signo e um significado. (AUMONT e MARIE, 2008, p. 82)

Para se compreender a linguagem do cinema, é preciso compreender seus significados, e é importante entender seus códigos, que ajudam e permitem uma melhor compreensão do cinema. Para Aumont e Marie;

O cinema não tem língua, tem códigos [...], cada um deles rege, de um ponto de vista parcial e particular, determinados momentos ou determinados aspectos dos enunciados fílmicos. Deste modo o conjunto dos códigos do cinema é, em termos globais, uma espécie de equivalente funcional da língua, sem ter a sua faceta sistemática. (2008, p.231).

Se na linguagem da escrita, os escritores utilizam parágrafos, frases, palavras, acentos e pontuações, para organizar sua escrita e fazer-se entender, no cinema não é diferente. Existem elementos básicos, ou seja, códigos, que fazem com que esta linguagem crie sentido. Assim podemos citar alguns elementos considerados básicos, como: o roteiro, os planos, os movimentos da câmera, a iluminação, o figurino, os cenários, a sonoplastia, e a montagem. Cada um desses elementos dialogam entre si na busca de auxiliar esse contar histórias a partir da imagem em movimento.

Faço opção nesse momento, por trazer cada um desses elementos em diálogo com um repertório cinematográfico que em particular me cativa.

3.2.1.1 O roteiro

Basicamente o roteiro é o coração do filme, é onde se tem o início do filme. O roteiro dá vida às falas, as atitudes das personagens, ideia de cenários, quantos atores terá o filme. É a ferramenta que toda a equipe visualiza e tem como seu guia. Através dele, o diretor vê como poderá ser filmado o filme. Um exemplo é

um pequeno fragmento do roteiro do filme “Cidade de Deus”, 2002, dos diretores Fernando Meirelles e Katia Lund com o roteiro³ de Bráulio Mantovani.

“ [...] Foi assim que boca-de-fumo dos Apês ficou na mão do Neguinho. Mas isso também não foi por muito tempo... Uma vez mais, ouvimos a voz aguda e ameaçadora:
 ZÉ PEQUENO (OFF)
 Quem foi que falou que essa boca é tua?
 NEGUINHO
 Qualé, Dadinho? Tu...
 Finalmente revelamos o dono da voz:
 Dadinho -- agora com 18 anos e com o nome de Zé Pequeno.
 Atrás dele estão BENÉ -- mesma faixa etária -- e TUBA -- um pouco mais jovem e com jeito de bobo.
 ZÉ PEQUENO
 Dadinho o caralho! Meu nome agora é Zé Pequeno, tá entendendo?
 EFEITO: close de Zé Pequeno em still.
 63 ARTE - CARTELA 63
 Texto enche a tela: A HISTÓRIA DE ZÉ PEQUENO
 64 EXT. DIANTE DO MOTEL - NOITE - FLASH-BACK □ 64 FUNDIMOS o rosto de Zé Pequeno ao de Dadinho, também em STILL, retomando a cena do assalto ao motel.
 BUSCA-PÉ □ (V.O.) Zé Pequeno sempre quis ser o dono da Cidade de Deus. Desde os tempos de moleque, quando ele ainda se chamava Dadinho...
 Imagem ganha movimento. [...]

Podemos ver cada fala das personagens, a hora que entra o efeito, o que é para fazer com a imagem, ou seja, vai pontuando detalhes para o diretor se basear e ter ideia de como irá representar o que está escrito através da imagem.

3.2.1.2 Os planos

Outro código que podemos destacar são os planos. Ele é a posição que a câmera toma em relação à cena que se filma. Os diferentes planos podem ser feitos através de movimentos da câmara ou das lentes especiais, que podem ser: Plano geral, plano conjunto, plano médio, plano americano, primeiro plano, primeiríssimo plano e o plano incerto. Segui como base o livro “O que é cinema” de Bernardet (2004) para a explicação sintetizada dos planos a seguir.

O plano geral abrange uma ampla realidade espacial fixando o ambiente da ação sem referir-se aos protagonistas, tendo a função de passar ao espectador a referência de onde ocorrerá a próxima cena. Por exemplo, no filme *Paraísos*

³O roteiro completo pode se encontrar no endereço eletrônico disponível em: <<http://www.roteirodecinema.com.br/banco/cidadededeus12.pdf>> acesso em: 01 Nov. 2012

artificiais do diretor Marcos Prado, é mostrada a cena da festa que as personagens participam.

Figura1: Cena do filme *Paraísos artificiais*, 2012



Fonte: Foto retirada do filme/fonte da pesquisadora.

O plano Conjunto mostra um grupo de personagens. Esse limita-se ao ambiente e introduz as personagens caracterizando-os. Na cena do filme *Hair* do diretor Milos Forman, podemos ver as personagens e o que fazem, no caso então dançando, e mostra também o ambiente no qual estão inseridos, no caso o parque.

Figura 2: Cena do filme *Hair*, 1979.



Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-208/>

O plano médio enquadra os personagens com uma pequena faixa de espaço acima da cabeça e embaixo dos pés. No filme *Pulp Fiction - Tempo de Violência*, do diretor Quentin Tarantino, temos a cena em que as personagens sobem ao palco para dançar. Assim, com este plano, temos a visão ampla do local

em que os dois se encontram, e revelando as características físicas das personagens.

Figura 3: Cena do Filme *Pulp Fiction* – tempos de violência, 1994.



Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-10126/>

Plano Americano é aquele em que as personagens aparecem a meio corpo ou na altura da cintura, coxa. É bastante útil para diálogos. Na cena do filme *The Runaways* de Floria Sigismondi, temos o diálogo entre as personagens Joan e Cherrie, em que temos a noção do lugar onde estão, da sua posição e vemos claramente os seus rostos.

Figura 4: Cena do filme *The Runaways*, 2010



Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-141329/>

No primeiro plano apresenta a personagem de perto, dos ombros para cima. Neste plano, o cenário em que a personagem se encontra praticamente some, para justamente dar ênfase às expressões do ator, onde ficam mais nítidas. É o que

podemos ver na cena em que Heath Leager que interpreta o Curinga, no filme *Batman: o cavaleiro das trevas* dirigido por Christopher Nolan. O Curinga, nesse caso, preenche a tela, e podemos ver nitidamente suas expressões.

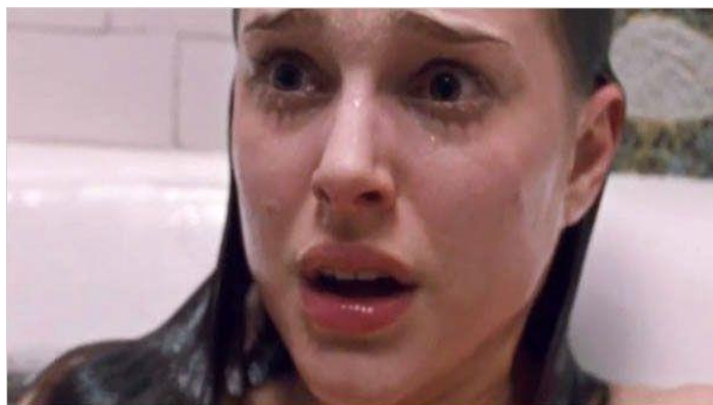
Figura 5: Cena do filme *Batman: o cavaleiro das trevas*, 2008



Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-115362>

No primeiríssimo plano há um domínio absoluto da fisionomia da personagem, mostrando somente o rosto. Na cena do filme *Cisne Negro* de Darren Aronofsky, vemos o close dado pela câmera para mostrar os traços da personagem que se encontra em assustada. Desta maneira se utiliza o primeiríssimo plano para dar mais ênfase e dramaticidade a cena.

Figura 6: Cena do filme *Cisne negro*, 2010



Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-125828/>

O plano detalhe enquadra o que irá valorizar algo importante para a sequência da cena. No filme *A Invenção de Hugo Cabret* do diretor Martin Scorsese

tem-se o exemplo do plano detalhe. O pai de Hugo mostra a ele a fechadura em forma de coração, que será uma parte importante para a sequência do filme.

Figura 7: Cena do filme *A Invenção de Hugo Cabret*, 2012



Fonte: Foto retirada do filme/fonte da pesquisadora.

Nesse momento o espectador segue o olhar de quem filma, o olhar da câmera que não é ingênua ao mostrar detalhes, uma parte importante do que é narrado no diálogo entre as personagens.

3.2.1.3 Movimentos da câmera

Quando o cinema passa a contar uma história, abandona a imobilidade e começa a explorar os espaços, com isso se tem os movimentos da câmera. “Distingue-se em geral dois tipos de movimento no modelo do corpo humano: os panorâmicos (que correspondem a ação de virar a cabeça) e os travellings (que tem por objetivo o descolamento do corpo inteiro de modo retilíneo).” (LAURENT, 2009,p. 33).

Sintetizando, o panorâmico é considerado um movimento descritivo, ajuda a descrever o cenário de um filme. Já o Travelling é narrativo, ajuda a contar a história, acompanhando a personagem em seu deslocamento, podendo até substituir o ponto de vista da personagem como se a câmera assumisse o seu lugar e o espectador passa a ver a ação pelos olhos da personagem.

Podemos ver isso no filme *Moulin Rouge* de Baz Luhrmann, em uma das minhas cenas preferidas, onde as personagens interpretam a música *El tango de*

*Roxanne*⁴. Neste trecho a câmera acompanha as personagens, passeia em torno do cenário, aproxima e afasta-se rapidamente das personagens, tentando captar toda a dramaticidade que o número musical exige.

Figura 8: Cenas do filme *Moulin Rouge*, 2001.



Fonte: <<http://misstoptenimage.blogspot.com.br/2011/11/iconic-film-moulin-rouge-2001.html>>

3.2.1.4 A iluminação

É um fator decisivo para a criação da expressividade da imagem. Na cena do filme “Laranja mecânica” de Stanley Kubrick, vemos a dramaticidade da cena justamente por causa da iluminação. Os personagens se encontram em uma espécie de túnel, aonde as sombras e o clarão, supostamente vindo de um poste, dão um ar mais mórbido à cena, em que a seguir, acontecerá uma cena de violência.

⁴Pode se assistir a cena do filme do endereço eletrônico disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=F9XGsp8FpOQ>> Acesso em: 01 Nov. 2012

Figura 9: Cena do filme *Laranja Mecânica*, 1972



Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-260/>

3.2.1.5 Os figurinos

Não se pode imaginar um filme que se passa na Idade Média, com todos aqueles castelos, e gramados gigantescos, onde o príncipe montado em seu cavalo branco aparece vestido de jeans, camiseta e all star⁵. Seria espantoso, a não ser que o filme satirize algo, claro. Mas então se tem a peça chave de uma produção cinematográfica: o figurino.

Se se pretender caracterizar o cinema como um olho indiscreto, que vagueie em torno do homem, observando suas atitudes, os seus gestos, as suas emoções, é necessário admitir que o vestuário é aquilo que está mais próximo do indivíduo, aquilo que, unindo-se a sua forma, o embeleza, ou pelo contrário, distingue-se e confirma a sua personalidade. (MANUEL, in MARTIN, 2005, p. 66)

Um filme que posso citar neste caso é *Maria Antonieta* de Sofia Coppola. O figurino é belíssimo, rico em detalhes, fruto de uma pesquisa sobre a vida da rainha que em sua época era considerada ícone em se tratando de moda. A figurinista conseguiu transmitir toda a característica dos vestidos do século XVIII, época que se passa o filme, e usando as cores dos vestidos simbolizou a passagem

⁵ All Star é um modelo de calçado de lona e borracha produzido pela empresa estadunidense Converse.

do tempo, usando tons mais claros na fase de juventude, a cores mais escuras no período que terminaria seu reinado.

Figura 10: Cena do filme *Maria Antonieta*, 2005.



Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-57887/>

Assim o figurino é indispensável para a caracterização das personagens, ele é um dos fatores para o cinema estreitar o diálogo entre a realidade e o espectador.

3.2.1.6 Os cenários

Outro ponto importante que merece atenção quando se fala em linguagem cinematográfica é o cenário. Ele serve para dar mais realidade, trazendo a atmosfera desejada para a cena. O filme "Frida", de Julie Taymor, é um exemplo que obtém cenários bem construídos, remetendo-se muito aos quadros da pintora Frida Kalo, com cores vibrantes e expressivas que a artista utilizava.

Figura 11: Cena do filme *Frida*, 2002



Fonte: Foto retirada do filme/fonte da pesquisadora.

Esse cenário, que se trata do jardim da personagem Frida, traz cores alegres, fortes, quentes, onde faz referência à própria sensibilidade e temperamento da artista. Então o cenário se torna parte contribuinte na relação de realidade e dramaticidade do filme.

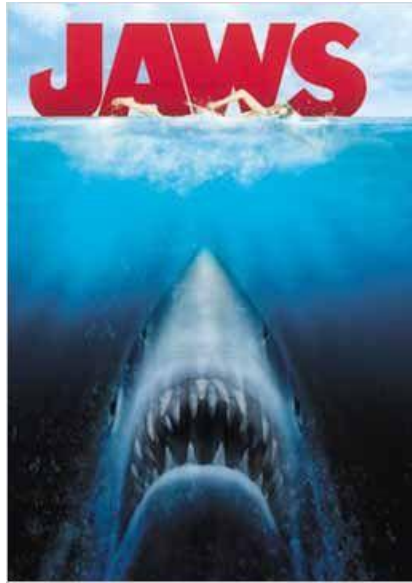
3.2.1.7 A sonoplastia

Aqui podemos citar todos os efeitos sonoros no filme. Os ruídos, as vozes de um locutor, a própria trilha sonora. A sonoplastia foi inserida nos filmes para dar maior realismo as cenas, como afirma Marcel Martin:

O realismo, ou melhor dizendo, a impressão de realidade: o som aumenta o coeficiente de autenticidade da imagem; a credibilidade, não unicamente material mas também estética, da imagem acha-se literalmente elevada à décima potência e o espectador reencontra, com efeito, essa polivalência sensível, essa compenetração de todos os registros perceptivos que nos impõe a presença indivisível do mundo real [...] (2005, p.144)

Quem não se lembra do filme *Tubarão* do diretor Steven Spielberg e a famosa música com apenas dois acordes, “tan-tan... tan-tan”, de John Williams, que gerava aflição e pânico nos espectadores, quando o tubarão estava prestes a atacar. Ótima junção entre música e a imagem.

Figura 12: Cartaz do filme *Tubarão*, 1975



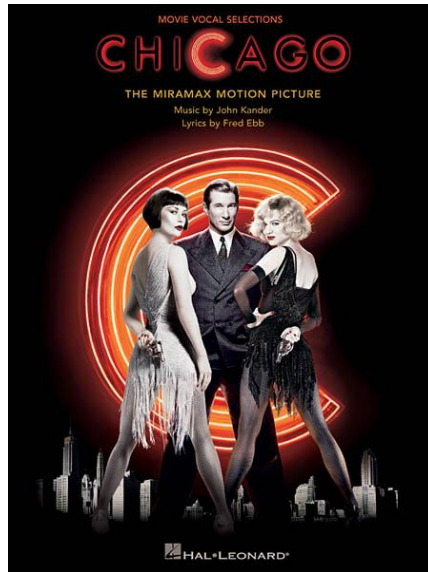
Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-12789/>

3.2.1.8 Montagem

Por fim, para um filme ser um filme, e não apenas uns emaranhados de cenas têm-se a montagem. Ela serve para que o filme crie sentido, que obtenha movimento, faz com que a ideia inicial do filme seja criada, montando uma nova realidade.

Torna-se evidente que a montagem (veículo do ritmo) é a noção mais sutil e, ao mesmo tempo, a mais essencial da estética cinematográfica, numa palavra, é o seu elemento mais específico. É possível afirmar que a montagem é a condição necessária e suficiente da instauração estética do cinema. (MARTIN, 2005, p.202)

Um exemplo de um filme que tem uma bela montagem, e foi merecedor do Oscar de 2003 nesta categoria, foi o filme musical "Chicago", do diretor Rob Marshall. Toda a narrativa é construída com a junção da realidade com a fantasia, a todo instante, onde a montagem foi totalmente pensada para que as cenas ficassem ágeis, em um ritmo frenético entre as alucinações, as cenas de canto e dança, e o "mundo real" das personagens.

Figura 13: Cartaz do filme *Chicago*, 2002

Fonte: <http://50anosdefilmes.com.br/2010/chicago/chi1/>

Após uma breve pincelada sobre os códigos dessa linguagem, os códigos do cinema, que são utilizados para dar sentido a sua narrativa, que nos permitem usufruir melhor e com mais prazer e experiência com filme, retomo ao tema dessa escrita, qual seja cinema e educação e convido-os agora, a tratar especificamente sobre o cinema nas aulas de artes e as mais diferentes possibilidades de se trabalhar esta linguagem em sala.

3.3 O CINEMA NAS AULAS DE ARTES

O cinema é uma linguagem da arte que contempla outras tantas linguagens artísticas, e por isso vamos reconhecendo-o como uma linguagem híbrida. É um instrumento de cultura, que influi na formação cultural do sujeito. Ele transmite ideias, emoções e expressões. Rosália Duarte (2002, p. 17) diz que “Ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais.”.

Ainda para Duarte, o cinema mesmo sendo valorizado, ele muitas vezes não é visto pela educação como uma fonte de conhecimento.

Sabemos que arte é conhecimento, mas temos dificuldade em reconhecer o cinema arte (com uma produção de qualidade variável, como todas as demais formas de arte), pois estamos impregnados da ideia de que cinema é diversão e entretenimento, principalmente se comparado a artes “mais nobres”. (2002, p.87)

Apontada então a necessidade de pensar o cinema, ou pensar em ver os filmes como objeto de pesquisa em educação, como objeto artístico, ampliando o olhar sobre ele, devemos pensar em levar o cinema para as aulas de arte, assim como levamos imagens de pinturas, esculturas ou outras obras que julgamos representações da arte. O desafio se faz, assim, em estreitarmos a relação cinema e aula de arte.

Desde que o cinema surgiu, ele aborda temas diversos, e não há novidade em dizer que o cinema é mais que entretenimento, é uma linguagem que auxilia na formação do sujeito. Conforme Silva (2009, p.32)

O cinema estaria, então, produzindo conhecimento e influenciando maneiras de viver, na perspectiva de estabelecer um diálogo constante com a realidade, uma vez que, ao produzir cinema, o material básico, que segundo Almeida (1999), é a própria realidade, pois, para ele, o cinema expressa a realidade com a realidade.

Se o cinema está tão próximo da realidade, trabalhar essa linguagem nas aulas de arte é de extrema importância, pois ajuda os próprios alunos a terem olhares diferenciados, auxiliando em reflexões e conhecimentos, e permite que uma relação entre filmes e o imaginário criativo se amplie também em sala de aula.

O que se tem nessa linguagem é o reforço da impressão de realidade que caracteriza os filmes, surgindo, assim, um outro nível de percepção. A exposição de fatos, histórias e narrativas pela linguagem do cinema realça a realidade, dando maior visibilidade à ela, mostrando, muitas vezes, algo que nós, de uma forma ou de outra, às vezes não podemos (ou “insistimos em não”) perceber. (SILVA, 2007,p.51)

Mas não basta levar filmes para a sala de aula somente para distração ou para preencher o tempo, sem uma metodologia adequada para se aproveitar às tantas vantagens que esta linguagem oferece. É preciso que os professores e professoras planejem antes de levá-lo para a sala de aula, para que o mesmo seja melhor compreendido, sabendo que como todas as outras linguagens o cinema tem códigos que precisam ser aprendidos.

Silva, para falar de filmes no cotidiano escolar, remete a Martinelli, para dizer que:

Devem-se inserir os filmes no cotidiano escolar (além de peças de teatro, visitas a empresas, a museus, sítios e templos) pela possibilidade de promover boas ocasiões para a integração de conteúdos, para o aumento da socialização entre os alunos, para a análise crítica do funcionamento dos sistemas sociais e para uma relação mais profunda das pessoas com o mundo e com a natureza. (MARTINELLI, 1999, In: SILVA, 2007.p.55)

Assim, a linguagem do cinema pode e deve ser contemplada nas aulas de arte, como instrumento, conhecimento, meio de expressão e comunicação, e principalmente como linguagem da arte. Afinal essa linguagem faz parte do capital artístico cultural da humanidade, e é direito de todos terem acesso a ela, sendo papel das aulas de arte falar desse patrimônio.

Monica Fantin defende que:

Assim o cinema será considerado em sua potencialidade como Objeto sócio-cultural e como instrumento da aprendizagem, prevendo momentos de fruição, da análise e de produção, tendo em mente a articulação possível entre cinema enquanto arte, indústria, linguagens e uma síntese possível entre o cinema como fim em si mesmo e como ferramenta cultural. (2006, p.116)

Para tanto, é preciso ampliar estratégias de ensino e compreender os recursos que a linguagem do cinema utiliza para uma melhor apreciação e apropriação da mesma nas aulas de Arte, para que os alunos alcancem uma maior compreensão na utilização dessa linguagem, além de conhecerem os códigos desta linguagem, podemos falar dos brinquedos ópticos como um recurso significativo e possível para se vivenciar com crianças e adolescentes em experiências escolares.

3.3.1 Os precursores do cinema: Brinquedos ópticos

Para iniciar uma fala sobre cinema na escola com crianças e adolescentes, um dos caminhos é falar dos brinquedos ópticos. Eles são ótimos instrumentos para se levar para a escola, onde os alunos terão uma experiência

lúdica, e ao mesmo tempo, aprendem os princípios básicos da imagem em movimento.

A oficialização da ilusão do movimento nasceu de um artigo intitulado *The persistence of vision with regard to moving objects*, em 1824 de Peter Mark Roget. [...] Com suas experiências como profissional e pesquisador, somadas à curiosidade quando observava a ilusão de ótica provocada por objetos que se movimentavam em velocidades muito altas, Roget tentou demonstrar no artigo que o olho humano retém imagens por uma fração de segundo enquanto outras imagens estão sendo percebidas. Roget defendia ainda que o olho humano interpreta imagens vistas em sequência como sendo uma única imagem em movimento, se forem exibidas rapidamente, em uma determinada ordem e velocidade. Este fenômeno foi nomeado persistência da visão ou persistência retiniana. (MAZZA, 2009, p.35)

São vários os brinquedos ópticos, dentre eles temos o Zootrópio, o qual foi criado por William-George Horner em 1834, consiste em um cilindro com fendas, onde do lado de dentro colocamos uma faixa com imagens. Ao girar o zootrópio, podemos ver, através das fendas, as imagens se movimentando, criando um efeito óptico aos nossos olhos que nos dá a ilusão de movimento.

Figura 14: Crianças observando o Zootrópio



Fonte: <http://blog.animamundi.com.br/girando-e-animando/>

O Flipbook ou cinema de bolso é um outro brinquedo óptico que consiste em um bloco de folhas, em formato de livreto, onde em cada página se faz com que o desenho se movimente aos poucos. E ao pegar o flipbook e fazer com que cada folha caia em uma velocidade constante, a impressão de movimento é criada, surgindo assim, um desenho animado.

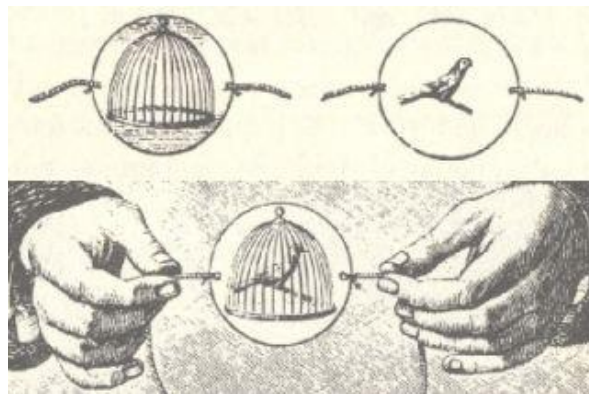
Figura 15: Exemplo de flipbook



Fonte: <http://artealunos.blogspot.com.br/2012/05/historia-do-cinema-atraves-do-flip-book.html>

O Taumatrópio⁶, outro brinquedo – este um pouco mais fácil de fazer –, foi criado por John Ayrton Paris. É constituído por um disco, com uma imagem diferente em cada lado, e um cordão que faz girar sobre seu eixo. Se girarmos esse disco rapidamente podemos ver o efeito de que ambos os lados do disco tornam-se visíveis ao mesmo tempo. Vamos então encontrar a (ilusão de) fusão de duas imagens diferentes.

Figura 16: Exemplo de Taumatrópio



Fonte: <http://allclassics.blogspot.com.br/2011/08/animacao-antes-do-cinema.html>

Esses são recursos que se tornam possíveis de o professor levar para a sala de aula, trabalhar com seus alunos para que a compreensão da imagem e

⁶Disponível em: <<http://nayarasilva-cga.blogspot.com.br/2011/10/taumatropio.html>> Acesso em: 23 Out.2012

movimento aconteça em consonância com a própria compreensão da história do cinema.

3.3.2 Stop Motion

Hoje a tecnologia é acessível a escolas e alunos. Temos na escola a sala de informática, e a facilidade dos alunos terem acesso aos celulares e as câmeras digitais. Assim com o Stop motion, que é uma técnica de animação, construída através da sequência de fotografias de um mesmo objeto, com pequenas diferenças de lugar. Com ele é possível se trabalhar dentro da realidade da escola. Essa técnica de animação faz com que aconteça o movimento do tal objeto, podemos levar aos alunos significações sobre a linguagem cinematográfica. Através dela podemos incluir o cotidiano do aluno, fazer com que os mesmos trabalhem em grupo, elaborem roteiro, cenário, personagens, assim como conhecer os códigos que o cinema possui.

No século 19, o matemático belga Joseph Plateu (1801-1883) criou o primeiro desenho animado (um homem montado em um cavalo que galopava), com base na teoria da persistência da retina, de sua autoria. De acordo com Plateu, todo movimento mais rápido que uma fração de segundo não é perceptível ao olho humano e, por isso, as sequências que se apresentam mais aceleradas que esse padrão são vistas como uma imagem única.⁷

Aproveitando-se desta persistência da retina, que nada mais é a ilusão de movimento, o Stop motion é a técnica mais utilizada pelos diretores quando se fala em cinema de animação, que está cada vez mais desenvolvida e aprimorada, e que podem ser criados utilizando-se de diversos materiais, como a massinha, bonecos, desenhos, etc.

O filme de Tim Burton, “O estranho mundo de Jack”, é um dos muitos filmes produzidos através da técnica do stop motion. Neste filme, para contar a

⁷ Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-2/como-trabalhar-animacoes-646421.shtml?page=0>> Acesso em: 24 Out. 2012

história do protagonista Jack, o diretor utilizou mais de 227 bonecos durante o processo de animação.⁸

Figura 17: Cena do filme *O estranho mundo de Jack*, 1993



Fonte: <http://revistaquentin.blogspot.com.br/2012/05/das-prateleiras-o-estranho-mundo-de.html>

Visto que o cinema é muito mais que somente uma projeção na tela, remeto-me aqui, ao problema desta investigação, qual seja; Qual a importância da linguagem cinematográfica nas aulas de arte, considerando o que dizem os professores de arte da rede municipal de Criciúma?

Para melhor elucidá-lo, trago a seguir os dados coletados nas conversas com os professores de arte, seguidos das análises dos mesmos, no exercício de melhor compreender o tema proposto.

⁸ De acordo com o site “cinema stop motion”, disponível em: <http://cinemastopmotion.blogspot.com.br/2008/02/grandes-nomes-do-stop-motion-tim-burton.html>
Acesso em: 24 Out. 2012

4 A PESQUISA DE CAMPO E A ANÁLISE DOS DADOS

Nesta pesquisa faço uma análise de dados, para refletir e compreender como os professores veem o cinema nas aulas de artes, partindo do problema da pesquisa que é: Qual a importância da linguagem cinematográfica nas aulas de arte, considerando o que dizem os professores de arte da rede municipal de Criciúma?

Como já enunciado, os dados coletados para iniciarmos essa análise e reflexão, foram levantados durante o segundo semestre do ano de 2012, momento em que entrevistei cinco professores de artes da rede municipal de Criciúma, e o instrumento investigativo desta pesquisa foi uma entrevista com perguntas semiestruturadas que foram gravadas e transcritas.

Dentro de uma abordagem qualitativa, os dados serão colocados a seguir procurando evidenciar as manifestações sobre cinema e educação dos entrevistados. Opto por não revelar o nome dos professores entrevistados. Assim para falar do que eles responderam, usarei letras de “A” a “E”, para identificar o dizer de cada um.

Mas, o que dizem os professores de arte sobre o cinema em suas aulas?

Minha primeira questão para o (re)início desta conversa, foi indagar os professores a falarem do cinema enquanto linguagem da arte. O professor “A” diz que considera o cinema como linguagem, porque **ele traz todo um conceito, como os planos, como quando uma pessoa faz um trabalho de cinema ela tem que fazer roteiro, figurino, pensar na trilha sonora, enfim.** O professor “B” já é mais específico, **O cinema é linguagem porque expressa uma ideia.** Todos os outros professores concordam de que o cinema é uma linguagem da arte. Assim a linguagem cinematográfica de acordo com Duarte, é “profundamente rica; fruto da articulação de códigos e elementos distintos: imagens em movimento, luz, som, música, fala, textos escritos; o cinema tem a seu dispor infinitas possibilidades de produzir significados [...]” (2002, p. 37).

O cinema com suas significações passa a ter valor cultural, assim como consideramos a literatura, por exemplo.

Quando indagados sobre ensinar o cinema e suas significações, praticamente todos usam o cinema como instrumento e suporte para as suas aulas. É o que fica evidente do relato do professor “A”: **Nunca o trabalhei como uma**

linguagem, como por exemplo estudar o cinema, o que seria um roteiro, o que é um filme de drama, uma ficção. Mas eu usei o cinema, o vídeo no caso, como suporte para minhas aulas, passando documentários, sendo uma maneira prática de estar aproximando os alunos da arte, sendo que às vezes não temos como leva-los ao museu. É muito interessante para aproximar os alunos de uma outra cultura. Eu por exemplo, trabalho muito a cultura africana. Daí penso: como é que eu irei trazer essa cultura para os alunos? Através dos filmes claro. Fica explicito também no professor “C”: É uma ferramenta, um recurso muito bom. Mostrar a um aluno um artista esculpindo um bloco de mármore, ou mostrar um artista pintando, os alunos vão ver o mais próximo do real. E isso amplia o repertório deles. Porque eles não veem isso aqui.

Sobre tratar o cinema apenas como recurso, Monica Fantin diz que:

Devido a riqueza potencial formativa do cinema, essa dimensão do recurso é inevitável, por fazer parte da natureza de sua inserção na escola, mas o problema é quando o cinema se reduz no espaço formativo a isso, como ocorre na maioria das vezes. (2006, p. 114)

Vemos então que como professores, temos que oportunizar aos alunos mais cinema como linguagem da arte, do que como mero instrumento para demonstração de algum conteúdo.

Mas podemos ver a vontade de se trabalhar o cinema como objeto temático, no relato do professor “A”: **Sinto a necessidade de trabalhar o cinema como linguagem. Trabalhar os filmes de animação, tipo stop motion, que é um meio fácil de se trabalhar com os alunos, sendo que praticamente todos os alunos tem acesso ao celular. Um ótimo modo de se trabalhar cinema é produzindo um filme. Quero trabalhar o cinema para que os alunos veem essa complexidade que o cinema tem, que essa linguagem é fruto de pesquisa, de trabalho, de estudos sobre um determinado tema.** Nesta outra fala temos outro ponto sobre a educação sobre o cinema, quando fala em produção de filme. Silva (2009, p. 61) sobre isso diz que “Produzir um filme na escola pode não ser fazer cinema, mas é um bom caminho para falar sobre ele”.

A professora “C” quando fala das experiências sobre o cinema em suas aulas, lembra que através do SESC⁹, que estavam realizando o projeto *o cinema vai à escola*, ela conseguiu trazer-los para a sua escola. ***Eu já consegui trazer este projeto varias vezes aqui. Nosso grande problema era com a claridade. Daí colocávamos um plástico preto nas janelas, que ficava bem escuro, e virava cinema. Nós tentávamos fazer com que os aluno se sentissem em um pelo menos.***

Através desta fala, vemos a iniciativa da professora em levar o cinema para suas aulas e para seus alunos. Essa prática é importante, pois valoriza o cinema. É o que afirma Duarte:

Iniciativas individuais de professores, associados a instituições governamentais e não governamentais, que promovem atividades de exibição e discussão de filmes para alunos e professores da rede de ensino fundamental e médio vêm ajudando a construir uma cultura de valorização do cinema em instituições de ensino. (2002, p. 86)

É através de práticas como essa que o cinema se valoriza nas escolas. Embora a simplicidade do plástico preto na janela não remeta necessariamente ao cinema, no máximo a ideia do escuro e a possibilidade de sair um pouco da rotina.

E a professora “C” ainda continua: ***Mas existe um porém. Passamos o filme, e temos que conversar com os alunos sobre o mesmo. Sugar deles, ouvir eles, para saber o que eles entenderam, assim provocando uma discussão sobre os mesmo. Ouvir uns aos outros, ajuda na construção de cultura e apropriação.***

Falando em apropriação, Fantin cita Thompson que diz:

A atividade de ‘apropriação’ faz parte de um processo de autoformatação prolongado no tempo, através do qual os indivíduos desenvolvem o seu sentido de si e dos outros, da sua história, do lugar que ocupam no mundo e dos grupos sociais e que pertencem. (1998, p. 19)

Vemos que o fato do diálogo sobre o filme faz com que haja o processo de apropriação do filme. Onde o aluno através dos diálogos em sala, acaba inspirando uns aos outros, numa encruzilhada de ideias, onde há múltiplas

⁹O Sesc de Criciúma/SC, tem um programa onde nas escolas da rede municipal de Criciúma são exibidos filmes, com orientação aos professores para trabalhos pedagógicos.

interpretações no diálogo com o filme, com o colega, com a opinião do colega, tornando um verdadeiro processo de apropriação. Então as exposições de filmes, os diálogos antes e depois, contribuem para a formação cultural dos alunos.

Sobre o cinema como contribuinte na formação artístico cultural nos alunos, todos foram convictos de que o cinema faz diferença na formação artística e amplia a visão de cultura dos alunos. O professor “A” diz que o cinema, **contribui na formação do aluno para a ampliação do repertório cultural e artístico, no sentido de ampliar o olhar do aluno para outras culturas.** O professor “C” diz que, **é uma linguagem que podemos ensinar muitos conceitos.** O professor “B” diz achar importante *valorizar* o cinema, porque: **trabalha muito a percepção do aluno, o senso estético crítico, além de o aluno estar vendo a imagem em movimento, ele trabalha sentidos. O cinema traz a reflexão para os alunos tanto da fantasia como da realidade. A criança pode viajar naquele mundo fantástico que alguns filmes trazem, ou como pode fazer a relação com a própria realidade dela. O cinema faz a criança pensar e refletir.** O professor “E” compara o cinema com a própria televisão: **o cinema influencia como as novelas e programas, principalmente na maneira de falar e vestir.**

Com essas afirmativas dos entrevistados, vemos que é praticamente unânime quando se fala de cinema e formação artístico cultural do aluno. Todos, direta ou indiretamente podem estar em concordância com Monica Fantin quando diz que o cinema trabalha as “representações da realidade, a cultura visual e a educação como conhecimento de si e do outro como compreensão crítica da realidade que favoreça possibilidades de criação e transformação.”. (2006, p.117)

Os professores comentaram também sobre as dificuldades de trabalhar o cinema, por causa do difícil acesso aos recursos áudio visuais da escola. A fala mais evidente é a da professora “D” que diz: **na escola onde trabalho, o aparelho de DVD, não funciona, e o data show se encontra da sala de informática, que todo período tem aula, porque os alunos tem aula de informática, e quando quero ir para a sala de informática, tenho que trocar com outro professor. Isso acaba dificultando sobre o mostrar um filme.** O professor “A” também desabafa sobre esse assunto quando diz que o cinema, é: **uma linguagem que está muito presente no nosso cotidiano, e deveria estar no cotidiano dos alunos também, embora muitas vezes não está por falta de tempo em nossas aulas, e muito**

mais por falta de material (recursos audiovisuais), a gente acaba não oportunizando tanto.

Seria bom se todas as universidades e escolas tivessem espaços e equipamentos adequados para a exibição regular de filmes, com uma programação orientada tanto para entretenimento (o prazer de ver é ponto de partida) quanto para ensino de história e teoria do cinema. Seria bom se os professores tivessem noções básicas de cinema e áudio visual em sua formação. Seria bom que a videoteca (ou laboratório multimídia) estivesse incluída entre os equipamentos necessários para o funcionamento das instituições de ensino. (DUARTE, 2002, p.96)

Isso tudo comentado por Duarte, seria realmente muito importante para uma educação de qualidade. Mas esta infelizmente é uma realidade enfrentada por todos os professores. A falta de recurso e tempo nas aulas. Mas, acreditem, já foi muito mais difícil... Muitas vezes o recurso está ali – na mão dos alunos – e dificultamos as coisas, não conseguimos ver e otimizar esses recursos.

O professor “E” levanta a questão sobre a própria formação sobre cinema: ***Por um lado não me sinto totalmente preparada para dar cinema em minhas aulas, conheço sobre cinema por ler em revistas que vem pra escola, mas é uma coisa muito vaga.***

Fazendo uma reflexão sobre esse dizer, e pensando no que diz Rosália Duarte quando fala que:

A maior parte dos filmes pode ser utilizada para discutir os mais variados assuntos. Tudo depende dos objetivos e conteúdos que se deseja desenvolver. O importante é que o professores tenham algum conhecimento de cinema orientando suas escolhas. (2002, p. 94)

Percebo que os professores precisam de formações que tratem da linguagem cinematográfica, para assim o cinema ser valorizado pelo que ele é e não como apenas suporte para aula.

Então, como contribuição para a formação dos professores de arte proponho, a seguir, um projeto de curso de formação continuada, sobre a linguagem cinematográfica.

5 PROPOSTA DE CURSO PARA OS PROFESSORES

PROJETO DE FORMAÇÃO CONTINUADA

Tema: Linguagem Cinematográfica

Título: Trabalhando o cinema nas aulas de arte

INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

Esta proposta de curso para os professores de arte da Rede Municipal de Criciúma visa oferecer alguns conhecimentos e aprofundamentos sobre a linguagem cinematográfica, trazendo ideias e propondo reflexões de como trabalhar nas aulas de artes.

Partindo do pressuposto de que cinema é muito mais que mero instrumento de aula e diversão. Devemos então ampliar o olhar perante o mesmo, sabendo que ele é uma linguagem da arte, é cultura, faz parte do patrimônio da humanidade e que atua no desenvolvimento artístico do aluno, na percepção estética, amplia a visão de mundo, ressignificando e expressando através de imagens em movimento.

Como diz Duarte:

Filmes não são decalques ou ilustrações para “acoplarmos” aos textos escritos ne, muito menos, um recurso que utilizamos quando não podemos ou não queremos dar aula. Narrativas fílmicas falam, descrevem, formam e informam. Para fazer uso delas é preciso saber como elas funcionam. (2002, p. 96)

E nesta fala de Duarte, que se insere este projeto de extensão, que visa valorizar e apropriar-se do cinema enquanto objeto artístico, a fim de que os professores valorizem e aproximem seus alunos desta linguagem.

Objetivo Geral

Ampliar os conhecimentos envolvidos nos conteúdos de arte aliados a linguagem cinematográfica, contribuindo na formação docente em artes.

Objetivos Específicos

- Conhecer sobre a história do cinema;
- Possibilitar momentos de fruição e reflexão sobre cinema através do cinema mudo e filmes atuais;
- Proporcionar aos professores de Arte, momentos de apropriação de conhecimentos que envolvam os códigos do cinema;
- Produzir e experimentar o cinema através dos brinquedos ópticos;

PÚBLICO ALVO: Professores de arte da Rede Municipal de Criciúma

CRONOLOGIA: Dois sábados totalizando 16h/a

ESTRATÉGIAS DE AÇÃO / METODOLOGIA

O curso acontecerá nas dependências da UNESC, onde utilizaremos uma sala com data show e som, e um laboratório de informática. Começarei apresentando os objetivos desta formação continuada. Em seguida farei uma breve introdução sobre a história do cinema. Faremos a apreciação de filmes como “Tempos modernos” de Charlin Chaplin, 1936. Fomentando aqui uma conversa sobre o repertório fílmico de cada participante.

Conversaremos sobre os códigos do cinema, onde com auxílio de imagens de filmes, explicarei sobre cada um. Vamos conhecer e entender como funcionam os brinquedos ópticos (Zootrópio, flip book, Taumatrópio) ótimos para serem aplicados em sala, além de confecciona-los.

Para encerrarmos, vamos conhecer e produzir em grupos um filme em stop motion, utilizando massinha de modelar, câmeras digitais e o programa de computador *Movie Maker*¹⁰ para a edição de vídeos.

¹⁰ Software de edição de vídeos da Microsoft.

Ao final vamos apreciar as produções de todos e discutir sobre o cinema na escola, fazendo um paralelo sobre o aprendido no curso e as possibilidades em sala de aula.

REFERÊNCIAS DO PROJETO

ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 2004.

Como fazer um Taumatrópio. Disponível em: <<http://nayarasilva-cga.blogspot.com.br/2011/10/taumatropio.html>> acesso em 23 out. 2012

Como fazer um Zootrópio: Disponível em: <<http://nayarasilva-cga.blogspot.com.br/2011/10/zootropio.html>> acesso em 23 out. 2012

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MORETIN, Eduardo. Uma história do cinema: movimentos, gêneros e diretores. In: São Paulo, Secretaria da Educação. **Caderno de cinema do professor: dois**. (Org). Devanil Tozzi. São Paulo: FDE, 2009. Disponível em: <http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/320090708123643caderno_cinema2_web.pdf > acesso em: 18 set. 2012

Os Brinquedos ópticos. Disponível em: <<http://precinema.wordpress.com/2009/10/28/brinquedos-opticos/>> acesso em 23 out. 2012

SILVA, Roseli Pereira. **Cinema e educação**. São Paulo: Cortez, 2007.

Sobre o stop motion. Disponível em: <<http://cinemastopmotion.blogspot.com.br/2008/02/grandes-nomes-do-stop-motion-tim-burton.html> <acesso em 24/10/2012 > acesso em 23 out. 2012

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio a ideia de falar sobre o cinema veio dos afetos, das paixões, se assim posso dizer. Mas como futura professora, vem também da preocupação, do compromisso com a educação. Entender a educação é saber que é uma arte de tecer vidas, ideias, culturas e identidades. É fazer fruir as capacidades que existe em cada criança, em cada jovem, em cada adulto. E para ajudar nesta educação de tecer vidas, que coloquei como foco trabalhar esta linguagem, esta manifestação artística, esta arte: o cinema.

Depois de me aproximar mais e melhor de um corpo teórico com autores que defendem o cinema como arte e sua relação com a educação, amplio meu olhar sobre o cinema como sendo muito mais que entretenimento, ou recurso didático. Ele é uma arte, que possui linguagem própria. E isso tem que ser transmitida aos alunos, afinal ele faz parte do patrimônio histórico da humanidade, e é direito do aluno conhecê-lo como arte. Assim os professores da disciplina de arte deve estreitar a relação do cinema e a educação.

O cinema é fonte de conhecimento. Os professores que entrevistei na pesquisa de campo, admitem isso. Embora muitos não trabalhem cinema como linguagem, os mesmos o reconhecem como fonte de cultura e estética, o qual é imprescindível para uma educação que quer que seus alunos sejam formadores e produtores de cultura, que querem que seus alunos sejam sujeitos críticos na sociedade em que vivem. Para tanto, ampliar olhares sobre os códigos do cinema é fundamental, já que ele é uma linguagem que tem seus próprios códigos.

Trabalhar a linguagem do cinema é entrar na própria vivência dos alunos, que hoje são reconhecidos como a geração da tecnologia, que são movidos por imagens. E cinema é isso. Trabalhando esta linguagem, o professor toma as vivências do aluno, aproxima-o da sua própria realidade propiciando a ele um conhecimento amplo de aprendizagem em arte, para que o mesmo se torne agente criativo, perceptivo e atuante na sociedade em que vive.

Como considerações dessa investigação, retomo ao problema de pesquisa: Qual a importância da linguagem cinematográfica nas aulas de arte, considerando o que dizem os professores de arte da rede municipal de Criciúma?

Percebi com os relatos dos professores, que eles veem o cinema como sendo importante para a formação estético/crítico e cultural do aluno. Mas infelizmente, muitos veem como sendo apenas um recurso didático, mas se propõem a mudar esta realidade com cursos, formações continuadas, que contenham subsídios para que os mesmos se sintam confortáveis e confiantes quando se fala em linguagem cinematográfica. Se é complicado por não ter recursos tecnológicos como áudio visuais, adequados, ou computadores e câmeras digitais, o que é de fato uma realidade em muitas escolas, professor sempre sabe dar seu jeito, dar o seu jogo de cintura, como em qualquer outra profissão. Se não tivermos uma filmadora, podemos usar o celular ou a máquina fotográfica, por que não? Se não puder ir à sala de cinema, podemos simular um espaço na escola. Caminhamos sempre entre o ideal e o real, nesse sentido, o professor é um eterno aprendiz, que educa e se educa, dia após dia. Temos que tentar, entender, ensinar, gostar, dar oportunidades aos nossos alunos, de pensar, refletir, vivenciar e experimentar, para que ele seja um diferencial na sociedade em que vivemos.

É importante que nós professores de arte, proporcionemos aos alunos um desenvolvimento do pensamento artístico, do crescimento estético-visual, pessoal, cultural, fomentando assim, a percepção, a imaginação e sensibilidade, oferecendo possibilidades de experimentações e conhecimentos. Se trabalham os movimentos artísticos, a literatura, a música, o teatro, por que não trabalhar o cinema? Que é uma arte tão rica e valiosa como as outras que consideram?

Assim como o cinema, que é fruto de uma longa aventura, onde estudiosos e inventores aos longos dos anos deram sua *mãozinha* para o cinema ser considerado hoje a sétima arte, espero que com esta pesquisa, possa estar contribuindo na busca de uma educação de qualidade. Para que cada vez mais haja um ensinar arte e gostar mais de arte, e gostar mais de cinema. Gosto se aprende e só gostamos daquilo que conhecemos, e ampliar conhecimento é também papel da escola. A disciplina de Linguagem de cinema e educação na 7ª fase do Curso de Artes Visuais/Licenciatura da UNESC foi um diferencial na minha ampliação do gosto pelo cinema. Ela trabalhou na perspectiva da ampliação de repertório cinematográfico e de experiências entre o apreciar e produzir filmes, nesse sentido percebo a importância da formação, de cursos e aproximação entre sujeitos com interesses afins para que possam trocar ideias; e construir constantemente um

conhecimento que permita cada vez mais um melhor papel na atuação do professor de artes no sentido de dar conta do que é de direito do aluno: o acesso ao patrimônio cultural da humanidade, nesse caso o cinema.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 2004.

ALVES, Rubem. **Entre a sapiência e a sapiência: O dilema da educação**. 10ª ed. São Paulo: Loyola, 2006.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Campinas: Texto e Grafia, 2008.

BARBOSA, Ana Mae. Arte/educação e diferentes conceitos de criatividade. In: ZANELLA, Andréa V; COSTA, Fabíola Cirimbelli Búrigo; MAHEIRIE, Kátia; DA ROS, Sílvia Zanatta; SANDER, Luciene (orgs.). **Educação estética e constituição do sujeito: reflexões em curso**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2007.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1998. v.: Arte.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1997. v.: Arte

BUORO, Anamelia Bueno; COSTA, Bia. Por uma construção do olhar na formação do professor. In : OLIVEIRA, Marilda O. de. (org.). **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2007

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FANTIN, Monica. **Mídia educação: conceitos experiências e diálogos**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FERRAZ, Maria Heloisa; FUSARI, Maria. **Metodologia do ensino da arte: fundamentos e proposições**. 2º ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FOIRET, Jaques, BROCHARD, Philippe. Os irmãos Lumière e o cinema. São Paulo: Augustus, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 23º ed. São Paulo: Paz e terra, 2002.

LAURENT, Jullier. **Lendo as imagens do cinema**. São Paulo: Senac, 2009

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte da docência em arte: desafios contemporâneos.

In : OLIVEIRA, Marilda O. de. (org.). **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: Da UFSM, 2007, p. 231 a 250.

MARTIN, Marcel. **A Linguagem Cinematográfica**. Lisboa: Dinalivro, 2005.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte**. 2º ed. São Paulo: FTD, 2010.

MAZZA, Maurício Duarte. **O Acting no Design de Animação**. 2009. 187f. Tese (Mestrado em Design) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.anhembi.br/mestradodesign/pdfs/mauricio.pdf> > Acesso em: 29 Nov. 2012

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

MORETTIN, Eduardo. Uma história do cinema: movimentos, gêneros e diretores. In: São Paulo, Secretaria da Educação. **Caderno de cinema do professor: dois**. (Org). Devanil Tozzi. São Paulo: FDE, 2009. Disponível em: <http://culturaeducacao.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/320090708123643caderno_cinema2_web.pdf > acesso em: 18 set. 2012

NAPOLITANO, Marcos. Cinema: Experiência cultural e escolar. In: São Paulo, Secretaria da Educação. **Caderno de cinema do professor: dois**. (Org). Devanil Tozzi. São Paulo: FDE, 2009. Disponível em: <http://culturaeducacao.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/320090708123643caderno_cinema2_web.pdf > acesso em: 18 set. 2012

OSTETTO, Luciana E, LEITE, Maria Isabel. Arte, infância e formação de professores: Autoria e transgressão. São Paulo: Papirus, 2004.

PENNA, Maura (coord.). **É este o ensino de arte que queremos?** Uma análise das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais. João Pessoa: Editora Universitária, 2001. Disponível em: <http://www.ccta.ufpb.br/pesquisarte/Masters/e_este_o_ensino.pdf> acesso em: 20 set.12.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado** – São Paulo: Hacker Editoras, 2001

SILVA, Dallmo de Oliveira e Souza. **Cinema como mediação entre linguagem e arte**: algumas reflexões. Revista Científica EccoS. São Paulo, ano 3, n.002, p.103 - 110, 2001. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=71530208>> acesso em: 20 set. 2010

SILVA, Roseli Pereira. **Cinema e educação**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Silemar Maria de Medeiros da. . **"Minha escola é assim..."**: reflexões sobre a produção de um filme com crianças. 2009. 114 f. Dissertação (Mestrado) - UNESC, Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2009.

VIANNA, Ilca de Oliveira A. **Metodologia do Trabalho Científico. Um Enfoque Didático da produção Científica**. São Paulo: E.P. U, 2001.



APÊNDICES

APÊNDICE A:

Roteiro da entrevista semiestruturada como os professores

- 1- Fale do cinema como linguagem da arte!
- 2- Qual relação você faz do cinema com as aulas de artes?
- 3- De que forma você acha que o cinema contribui para a formação do sujeito?
- 4- E para o repertório artístico cultural?
- 5- E sobre as suas aulas? Você trabalha? Trabalharia? Acha importante?
- 6- Trabalhar o cinema contempla o papel de arte na escola?

APÊNDICE B: Autorização do uso das respostas

	UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO	
CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA		
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO -TCC		

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, professor da escola _____, aceito participar de uma pesquisa que busca saber sobre: **“CINEMA E EDUCAÇÃO: O QUE DIZEM OS PROFESSORES DE ARTES DA REDE DO MUNICÍPIO DE CRICIÚMA”**.

Autorizo assim, a acadêmica Liliane Nonnenmacher de Aguiar a fazer uso de minhas respostas concedidas através de uma entrevista por ela aplicada para seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Atenciosamente,

Assinatura do professor

Criciúma, ____ de outubro de 2012.